

## A alternância no uso dos espaços *token* e sub-rogado na narrativa do surdo

Magali Nicolau de Oliveira de Araújo

1163

### RESUMO

Este artigo pretende contribuir para a geração de novos conhecimentos acerca da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e para o seu reconhecimento como um sistema linguístico pleno. O objetivo do artigo é descrever e analisar a alternância entre os espaços *token* e sub-rogado na narrativa do surdo. A abordagem utilizada na pesquisa apoia-se no conceito de espaço mental de Gilles Fauconnier e nos estudos de Scott K. Liddell sobre a Língua Americana de Sinais (ASL). Os resultados alcançados confirmam em linhas gerais, na LIBRAS, os resultados que Liddell descreveu em suas análises na ASL. Neste estudo, cujo foco é a alternância no uso dos espaços *token* e sub-rogado, encontram-se envolvidos os elementos dêiticos, os classificadores e os diferentes tipos de verbos.

Palavras-chave: Libras. Espaços mentais. Classificadores. Dêiticos. Propriedades lexicais.

### ABSTRACT

This article aims to contribute and generate a new knowledge about the Brazilian Sign Language (Libras) and the recognition of that language as a full language system. The goal of this article is to describe the analysis of the alternance between token spaces and subrogated in the narrative created by the deaf. The approach used in this research is based on the concept of mental space Fauconnier Liddell and studies on the American Sign Language (ASL). The re-sults achieved confirm, in general terms, the LBS, the results Liddell described in his analysis in ASL. In this analysis, wich the focus is the alternation in the use of token and subrogated areas, there are involved deictic elements, binders and different types of verbs.

Keywords: Libras. Mental spaces. Classifiers. Deictics. Lexical properties.

### Introdução

A discussão deste artigo concentra-se na alternância do uso de diferentes espaços na LIBRAS, o sub-rogado e o *token*. O uso dos espaços na LIBRAS vincula-se às relações gramaticais ainda não analisadas e descritas. As questões iniciais focam o uso de diferentes espaços

na LIBRAS, bem como a motivação para os sinalizantes efetuarem a alternância entre um espaço e outro.

Pretende-se contribuir para a geração de novos conhecimentos acerca da LIBRAS, de modo que, mediante sua análise e interpretação, possam surgir novos conhecimentos sobre a sua singularidade linguística. O objetivo é analisar e descrever a alternância do uso dos espaços sub-rogado e *token* na LIBRAS. Pretende-se estudar o uso de espaços que vêm sendo denominados “espaços mentais”, seguindo as propostas de Scott K. Liddell e Gilles Fauconnier.

Ao analisar o uso de espaços, busca-se inspiração nos estudos de Liddell em ASL (Língua Americana de Sinais). O pesquisador apresenta três tipos específicos de espaços usados na ASL: o real, o *token* e o sub-rogado.

O uso dos espaços ocorre a todo momento, pois em língua de sinais o sinalizador relaciona-se com o espaço físico que está ao seu redor e também à sua frente em diferentes momentos da sinalização. O sinalizador pode, por exemplo, representar situações da narrativa, assumir as atitudes de um personagem, marcar pontos no espaço, estabelecendo assim os personagens de uma narrativa e também as pessoas do discurso.

É importante destacar que os primeiros estudos sobre Língua de Sinais tiveram grande impulso em 1960, com a publicação da obra “Sign Language Structure”, de William Stokoe (1960), que destacava as semelhanças das línguas de sinais com a estrutura das línguas orais. Nesse mesmo sentido, diversos estudiosos estrangeiros, como Bellugi e Klima (1979), Sacks (1990), Bellugi, Poisner e Klima (1987), além de brasileiros, tais como Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), corroboraram a presença de estrutura, sintaxe, semântica e fonologia nas línguas de sinais.

Nas línguas de sinais, o espaço tem uma função especial. Liddell (2000) destaca alguns aspectos gramaticais relativos ao uso de determinados espaços que vêm sendo estudados em ASL. A proposta de Liddell busca embasamento na Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (2005), quando este considera que

[...] espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis.

Para isso, conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para estas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais (FAUCONNIER, 2005, p. 291).

Liddell apresenta três tipos específicos de espaços usados na ASL: o real, o sub-rogado e o *token*. Segundo o autor, o espaço real é uma “representação mental” do ambiente físico imediato em que ocorre o ato de fala em língua de sinais. Esse espaço mental, denominado “real”, depende do que está fisicamente presente no ambiente em que ocorre a enunciação e se refere, por meio de apontação, às pessoas e objetos que estão presentes no local naquele momento. O espaço real marca a presença da 1ª e da 2ª pessoas do discurso, sendo que a 1ª é o sinalizador e a 2ª é o interlocutor. É preciso destacar que, nesse espaço do discurso, pode ocorrer a presença de pessoas e objetos da 3ª pessoa. O termo real é usado para se fazer referência ao espaço mental, que é de fato a concepção do indivíduo a respeito do que é perceptível no seu ambiente físico. É o que as pessoas percebem como presente e real no ato de fala (LIDDELL, 2000).

O espaço sub-rogado consiste em um espaço mental no qual as coisas e as pessoas são tratadas como se estivessem presentes. Assim, existe semelhança no modo como se faz alusão ao espaço sub-rogado e aos referentes fisicamente presentes. Nesse espaço representado visualmente por uma espécie de encenação, pode ser narrado algo que já aconteceu ou vai acontecer. No espaço sub-rogado, o sinalizante assume o papel de narrador e dos personagens que participam da narrativa (LIDDELL, 1995). Nele, indica-se a pessoa ou o objeto que não está presente, por meio da apontação para algum lugar no espaço que fica marcado para referências anafóricas. É um espaço muito usado pelo surdo para narrar suas histórias ou se remeter a fatos ocorridos em sua vida ou na de terceiros.

Liddell acrescenta que no espaço sub-rogado o sinalizante pode conceber pessoas ou coisas não presentes como se estivessem presentes. Por exemplo, se a pessoa é concebida como se estivesse presente, então o sinalizante pode direcionar o sinal para algum lugar no espaço e é como se realmente o personagem da narrativa estivesse presente. Vale ressaltar que várias narrativas se parecem com encenações, pois o sinalizante assume os personagens da narrativa (LIDDELL, 2000). O autor destaca que essa representação

mental ocorre em tamanho natural, pois a encenação é representada pelo próprio sinalizante (LIDDELL, 2003).

No espaço *token*, a sinalização ocorre em âmbito mais limitado fisicamente do que o utilizado no espaço real ou no sub-rogado, uma vez que o campo em que se quer indicar e representar os elementos da narrativa fica com seu tamanho reduzido. O espaço que o *token* preenche é limitado ao tamanho do ambiente físico à frente do sinalizante, no qual as mãos se localizam durante a realização dos sinais (LIDDELL, 1995).

Cabe ressaltar que determinado ponto, ao ser marcado no espaço como pertencente a um certo personagem da narrativa, sempre será olhado, apontado ou indicado pelo direcionamento do corpo apenas para aquele personagem durante a narrativa. No espaço *token*, a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam indivíduos do ato de fala “eu-tu”. Essa forma prevê o uso da área que fica em frente ao corpo do sinalizador, como se pudesse visualizar um tabuleiro com pequenas “peças” de representação.

Liddell revela que, na ASL e aparentemente em todas as línguas naturais de sinais, “[...] permite-se que os sinalizadores, ao produzirem sinais dentro do espaço de sinalização, indiquem referentes específicos ou mostrem posições específicas, tais como: pronomes, verbos de concordância e classificadores” (LIDDELL, 1995, p. 19).

O autor acrescenta que, produzindo um determinado sinal em determinada direção ou em determinadas partes do espaço de sinalização, produz-se um significado que diferencia esse sinal de outro produzido ou direcionado em outras áreas do espaço de sinalização (LIDDELL, 1995).

Liddell afirma que os falantes usam o plano linguístico para indicar se declarações precisam ser entendidas como expressão do ponto de vista do falante ou de outra pessoa. Falantes de línguas têm várias estratégias diferentes para expressar pontos de vista: dêixis pronominais, demonstrativos, estrutura sintática e estilos literários. Em acréscimo aos recursos usados pelos falantes de línguas orais que usam dêixis pronominais, estrutura sintática e estilos literários, os usuários de língua de sinais utilizam mudanças no olhar, posição da cabeça ou expressão facial (LIDDELL, 1995).

Ainda sobre os espaços, Christian Cuxac apresenta o modelo de língua de sinais fran-cesa, doravante LSF, e oferece uma visão que admite dois tipos de estruturas: as estruturas-padrão ou "sinais-padrão" e as estruturas de alta iconicidade. O sinal-padrão é marcado pelos gestos das mãos ou da cabeça e do rosto, pela orientação do signo, a sua localização e movimento, cada parâmetro correspondente a uma lista de elementos relativos aos fonemas da linguagem oral.

Cuxac e Sallandre (2002) esclarecem que a LSF é baseada num léxico-padrão que se apresenta como um grupo discreto e estabelecido de sinais, que pode ser encontrado nos dicionários de LSF. Esse léxico-padrão é fortemente estudado por linguistas e pesquisadores em diferentes línguas de sinais. A originalidade de qualquer língua de sinais, em comparação à língua oral, deve-se à possibilidade de ter outras estruturas dotadas de forte grau de iconicidade e com funções mais ou menos independentes do léxico-padrão.

Cuxac e Sallandre (2002) analisam o modelo linguístico básico da iconicidade e escolhem seguir a hipótese de Cuxac no que diz respeito à distinção entre as duas abordagens (alta iconicidade e iconicidade padrão). Nesse sentido, a iconicidade primária divide-se em dois sub-ramos, a *estrutura icônica forte* (com intenção) e a *iconicidade padrão*. A *estrutura icônica forte* compreende: a) transferência de tamanho e forma; b) transferência de situação - dupla transferência; c) transferência de pessoa (transferência pessoal, transferência de estereótipos, dupla transferência, pseudotransferência, semitransferência e aparte).

Foram consideradas algumas propostas de análise de línguas de sinais, mas os estudos de Liddell sobre os espaços na ASL foram eleitos como base para a análise neste artigo.

## METODOLOGIA

A operacionalização do método desta pesquisa consistiu na coleta de dados por meio de gravação em vídeo de 10 pessoas surdas, usuárias de LSB, em situações de narração de histórias.

O estudo teve início a partir da interação dos surdos com a pesquisadora, e a intenção inicial era a de filmá-los em situações de sinalização espontânea e na

contação de uma piada, um fato interessante acontecido com eles ou com algum amigo. Optou-se também por realizar a gravação da interpretação do filme “Pearl Film”. Inicialmente, os participantes da pesquisa assistiram à gravação existente na internet e, logo após, fizeram sua própria interpretação ao narrar os fatos previamente observados.

Para proceder à análise, serão utilizados dados coletados das narrativas de informantes surdos. Quanto aos sujeitos, foram pesquisados surdos monolíngues e bilíngues que conhecem a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita e que são usuários nativos de LIBRAS.

Quadro 01

Y - Rotina									
1	00:14	2	00:15	3	00:17	4	00:18	5	00:18
									
DEPOIS		DEMANHÃ		EU		ESTUDA R		MUITO	
NãoMarcado		NãoMarcado		Real		NãoMarcado		NãoMarcado	
LE		LB		LE		LB		LBS	
CNI		CI		CI		CI		CNI	
Ø		TSA		Ø		TSA		TSA	

Depois, de manhã, eu estudo muito.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

Usando a forma de apresentação descrita no Quadro 01, discutiu-se sobre os tipos de espaços encontrados e as suas funções linguísticas, bem como os papéis que eles podem desempenhar. Na primeira linha, consta a identificação do informante e o nome do filme. Na segunda linha, consta o número de ordem dos exemplos e o tempo dos recortes das gravações. Na terceira, encontra-se o recorte da imagem retirada das filmagens. Na quarta, em caixa-alta, registra-se a glosa do sinal. A glosa corresponde ao significado do sinal em língua portuguesa. Na quinta linha, está indicado o espaço em que se realiza o sinal, se real, *token*, sub-rogado ou neutro. Na sexta linha, está indicada a Expressão Não Manual (ENM) relacionada à boca, como LE (lábios esticados), LB (lábios embicados), LBS (lábios e bochechas em sopro). Na linha seguinte, mostra-se a Expressão Não Manual (ENM) relacionada à cabeça, como

CI (cabeça inclinada) e CNI (cabeça não inclinada). Na oitava linha, aparece a Expressão Não Manual (ENM) que se relaciona a quaisquer outras partes do corpo, como TSA (testa e sobrancelha arqueadas). Caso o exemplo usado não apresente qualquer ENM, será utilizado o símbolo  $\emptyset$ . Finalmente, na última linha, é apresentada uma tradução livre.

Diante de tudo o que foi exposto, este trabalho investiga os espaços a fim de verificar se seu uso é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais.

Para a análise de dados da função gramatical do espaço na LIBRAS, consideraremos os conceitos de Lidell, uma vez que conseguiram, de forma mais adequada, explicar os fenômenos encontrados nos dados coletados para esta pesquisa. O autor destaca que nas línguas de sinais o espaço tem uma função especial. Lidell traz à discussão os aspectos gramaticais relativos ao uso de espaços que vêm sendo estudados especialmente em ASL (Lidell, 2000).

Para a análise de dados deste artigo, o termo *Não Marcado* será utilizado como sinônimo de espaço de realização, conforme a concepção de Brito (1995), que estipula uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos e se desloca para o enunciador.

Apesar de a maioria dos informantes ter apresentado repetição de sinais, em alguns casos de forma excessiva, além de paradinhas ou pausas e movimentos do corpo, é preciso registrar que tais elementos, ainda que representem fenômenos interessantes, não serão estudados por não se apresentarem como foco principal deste artigo.

Apesar de observados alguns avanços na pesquisa da LIBRAS, ainda há muito por fazer, visto que numerosos aspectos gramaticais e lexicais dessa língua ainda não foram analisados nem descritos.

## ALTERNÂNCIA DE ESPAÇOS

Os dados mostram que ocorrem mudanças de espaços e evidenciam que o momento da passagem de um espaço para outro é marcado por características significativas, tais como: inclinação do corpo, direção do olhar, expressões não manuais,

giro do ângulo do corpo e outros, que têm função gramatical na construção das unidades significativas da enunciação. Essas marcas assinalam desde a referência pronominal em um discurso indireto até a enunciação em discurso direto de um personagem ou outro, a mudança entre o personagem e o narrador.

Entre as narrativas, observa-se um primeiro tipo de alternância de espaços dentro de uma mesma sentença: a passagem do espaço *token* para o espaço sub-rogado (T/SB), conforme se observa no Quadro 02. A informante KS, ao montar o cenário da narrativa, usa o espaço *token* e faz o sinal de SUBIR nas imagens 3 e 4, depois faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa no mesmo espaço, como se pode notar nas imagens 5, 6 e 7 do mesmo quadro.



KS - Peras

1	00:25	2	00:26	3	00:27	4	00:29	5	00:30	6	00:31	7	00:32
ÁRVORE	ÁRVORE	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR
Token	Token	Token	Token	Token	Token	Token	Token	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado
LE	LE	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
CNI	CN I	CN I	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI
Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
O-I	O-I	O-S	O-S	O-S	O-S	O-S	O-S	O-E	O-E	O-E	O-E	O-E	O-E

Tinha uma árvore e alguém subiu, subiu e subiu.

### Quadro 02

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

Um segundo tipo de alternância de espaços se inicia com a passagem do uso do espaço sub-rogado para o espaço *token* (SB/T). Nos dados abaixo, é possível observar o fenômeno da alternância no uso dos espaços sub-rogado e *token* nas imagens 5 e 6 do Quadro 03. O informante ED inicialmente realiza o sinal de SUBIR no espaço sub-rogado e em seguida passa a realizar o sinal SUBIR no espaço *token* (SB/T). Ao passar do espaço *token* para o sub-rogado e retornar ao *token*, o informante ED quer deixar claro que o personagem da história estava subindo por uma escada, situação que fica bem explícita ao se usar o espaço sub-rogado.

### Quadro 03

ED - Peras													
1	00:09	2	00:10	3	00:12	4	00:12	5	00:15	6	00:17	7	00:17
													
PAUSA	ÁRVORE	ANDAR	ANDAR	SUBIR	SUBIR	SUBIR							
Não Marcado	Token	Token	Token	Sub-rogado	Token	Token							
Ø	BA	BA	BA	Ø	Ø	Ø							
CNI	CIPF	CN I	CNI	CNI	CNI	CNI							
Ø-I	O-S	O-S	O-S	O-E	O-S	O-S							

(pausa) Tinha uma árvore e alguém vinha andando e subiu na árvore.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

É possível observar nas imagens 8 e 9 do Quadro 04 que o informante ED sinaliza o verbo SUBIR e passa do espaço *token* para o sub-rogado e, nas imagens 10, 11, 12, 13 e 14, o informante irá permanecer no uso do espaço sub-rogado, ainda que sinalizando verbos

diferentes, respectivamente, COLOCAR, COLHER e LEVANTAR. Observa-se que o sinalizante prepara a passagem de um sinal para outro, no caso do (T/SB), pois inicialmente está fazendo o sinal SUBIR no espaço *token* e como irá assumir as características do personagem da narrativa ele faz o sinal de SUBIR, nas imagens 8 e 9, já no espaço sub-rogado, facilitando assim a passagem que será necessária à continuidade de sua narrativa.

Quadro 04

ED - Peras						
8 00:18	9 00:18	10 00:19	11 00:20	12 00:22	13 00:24	14 00:25
						
SUBIR	SUBIR	COLOCAR	COLHER	COLHER	LEVANTAR	LEVANTAR
Token	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado
LE	LE	LE	Ø	Ø	Ø	Ø
CNI	CIPF	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI
O-S	O-S	Ø	O-P	O-P	Ø	Ø

Ele subiu na árvore. Subiu, colocou o cesto e colheu frutas. Ele arrumou e levantou o cesto.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

No Quadro 05, a informante KS, ao dar continuidade à sua narrativa, usa o espaço *token* e faz o sinal de SUBIR por cinco vezes seguidas no espaço *token*, imagens de números 30 a 33. Depois, faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa, como se observa nas imagens 34 e 35.

Quadro 05

KS - Peras						
29 00:55	30 00:56	31 00:57	32 00:58	33 01:00	34 01:01	35 01:02
						
SEMPRE	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR	SUBIR
Token	Token	Token	Token	Token	Sub-rogado	Sub-rogado
LE	LE	Ø	LE	Ø	Ø	Ø
CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI	CNI
Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
Ø	O-S	O-S	O-S	O-S	O-E	O-E

Alguém subiu, subiu e subiu. Subiu e subiu.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

O informante PR, ao continuar a narrativa da história das Peras no Quadro 06, usa o espaço *token* e faz o sinal de DESCER por três imagens seguidas, as de número 22, 23 e 24. Ele faz o sinal de ANDAR no espaço *token*, imagem 25, e depois faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa trocando o verbo, passando a sinalizar o verbo PEDALAR, imagens 26 e 27. O informante continua usando o espaço sub-rogado na imagem 28, sinalizando o verbo LEVANTAR.

Mais uma vez, o informante assume as características do personagem, inclusive fazendo um giro com o corpo, como se lê na tradução livre: “Pedalou, pedalou e levantou (o cesto)”, referente às imagens 26, 27 e 28 do Quadro 06.

Quadro 06

PR - Peras													
22	00:28	23	00:29	24	00:30	25	00:32	26	00:35	27	00:36	28	00:38
DESCER		DESCER		DESCER		ANDAR		PEDALAR		PEDALAR		LEVANTAR	
Token		Token		Token		Token		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅		∅		∅	
CNI		CNI		CNI		CNI		CI		CI		CI	
∅		∅		∅		∅		∅		∅		∅	
O-S		O-S		O-S		O-S		O-E		O-E		O-E	

Alguém desceu (da árvore) e andou. Pedalou, pedalou e levantou (o cesto).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

## REDUPLICAÇÃO

Fabiane Pagy (2012) discorre sobre a reduplicação e esclarece que ela é, para Marga-rida Petter (2005), um tipo de afixação por repetição, que se utiliza de morfemas da mesma base, com ou sem modificações. Acrescenta que, de acordo com Petter, o morfema reduplicado pode aparecer antes, no meio ou depois da raiz, podendo ser reduplicado toda a raiz ou apenas parte dela.

Ainda sobre a reduplicação, Pagy (2012) destaca alguns pontos importantes: é um fenômeno morfológico; é um fenômeno que ocorre na LIBRAS, tanto com nomes quanto com verbos e outras classes gramaticais; tem um papel de extrema importância na LIBRAS, estabelecendo conceitos específicos, gerando processos tanto derivacionais quanto flexionais com funções diversas, como pluralidade, processo, intensificação, duração e mudança de classe; reforça em muitos casos o caráter icônico da LIBRAS. Por meio da reduplicação, a produtividade na LIBRAS é aumentada, uma vez que os sinais podem se combinar de maneira infinita, a fim de transmitir a mensagem do sinalizante para o seu interlocutor. Para os surdos, o uso da reduplicação tem grande relevância linguística, proporcionando a eles um aumento de vocabulário e possibilidade de criações e combinações entre os sinais da LIBRAS, contribuindo com o desenvolvimento não só da língua, mas também do indivíduo como um todo (PAGY, 2012).

Prosseguindo na análise dos dados, percebemos que a informante SH, ao fazer a sua narrativa da história das Peras, usa o espaço sub-rogado e faz o sinal de ARRUMAR na imagem de número 27 e em seguida faz o sinal de ANDAR no espaço *token*, como é possível notar nas imagens do número 27 ao número 32 no quadro abaixo.

Quadro 07

SH - Peras											
27	00:17	28	00:18	29	00:19	30	00:20	31	00:20	32	00:21
											
ARRUMAR		ANDAR		ANDAR		ANDAR		ARVORE		ANDAR	
Sub-rogado		Token		Token		Token		Token		Token	
LE		LE		LE		LE		LE		∅	
CI		CNI		CNI		CNI		CNI		CNI	
∅		∅		∅		∅		∅		∅	
O-P		∅		∅		∅		∅		∅	O-S
Ele arrumou, andou, e ficou andando (em volta da árvore).											

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

A informante SH, ao fazer sua narrativa das Peras, usa o espaço neutro e faz o sinal de ACABAR, em seguida faz o sinal de DESCER no espaço *token*, e passa a usar o espaço sub-rogado, como se observa nas imagens do número 142 ao número 148 do Quadro 08. Ao realizar o sinal DESCER, a informante o faz por três vezes, nas imagens número 143, 144 e 145. Ainda no mesmo Quadro 08, a informante repete o sinal CATAR nas imagens 147 e 148.

Quadro 08

SH - Peras						
142 1:27	143 01:28	144 01:29	145 1:29	146 01:30	147 01:31	148 01:31
						
ACABAR	DESCER	DESCER	DESCER	COLOCAR	CATAR	CATAR
Sub-rogado	Token	Token	Token	Sub-rogado	Sub-rogado	Sub-rogado
LE	BA	LE	Ø	Ø	Ø	Ø
CI	CI	CNI	CI	CI	CI	CNI
O-E	O-S	O-S	O-S	O-E	O-E	Ø
Acabou e desceu. Catou e colocou (os frutos no cesto).						

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

Pagy (2012) também aborda as funções da reduplicação, apontadas por Gomes (2006) e por Vialli (2008), que são intensidade, duração e pluralidade.

Nos dados analisados, foi observado que a reduplicação de sinais ocorre tanto no espaço *token* como no espaço sub-rogado. Além disso, observou-se a reduplicação com função duracional, demonstrando, principalmente verbos com ações, que ocorrem de maneira contínua, conforme observado no Quadro 07, nas imagens 28, 29, 30 e 32, onde percebe-se o verbo ANDAR repetido quatro vezes, significando uma ação contínua. Na tradução livre, pode-se ler: “Ele arrumou, andou e ficou andando”.

## REFERÊNCIA ANAFÓRICA

Em relação à referência nominal, à retomada do referente na narrativa e aos pronomes pessoais em língua de sinais, Lucinda Brito pontua que a LIBRAS apresenta três pessoas do discurso, tanto no singular como no plural. Na primeira pessoa, o

indicador aponta para o peito do locutor; na segunda pessoa, para o peito do interlocutor; a terceira pessoa é representada por pontos no espaço, que são estabelecidos durante o discurso ou pela localização do seu referente presente. A autora acrescenta que o plural é expresso por meio do movimento semicircular para a segunda pessoa e do movimento circular para a primeira pessoa (BRITO, 1995).

### a) Apontação

A referência às pessoas citadas em uma narrativa depende da construção prévia de um cenário, o que permite a anáfora pronominal. A forma dos pronomes anafóricos depende do espaço em que são realizados. No espaço *token*, a forma é a apontação com o olhar direcionado para os locais designados para cada personagem, enquanto no sub-rogado a anáfora é feita pelo giro do corpo do narrador para a posição do personagem<sup>1</sup>.

Os pronomes de terceira pessoa usados para fazer referência às pessoas que estejam presentes no contexto do discurso são sinalizados apontando-se diretamente o referente, como é possível observar na imagem 165 do Quadro 09, na narrativa de uma piada sobre gatos, pela informante SH. Ao continuar sua narrativa no Quadro de número 10, é possível observar nova-mente o mesmo evento na imagem de número 165, ao sinalizar ELE.

Quadro 09

SH - Piada																																																
166	01:17	167	01:18	168	01:18	169	01:18	170	01:18	172	01:19	173	01:19																																			
																																																
ESPERAR							DAR							COMER							R							EU							FOME							ELE						
Sub-rogado							Sub-rogado							Sub-rogado							Sub-rogado							Sub-rogado							Sub-rogado							Sub-rogado						
LE							LE							LE							LE							LEb							LEb							LEb						
CNI							CNI							CNI							CNI							CI							CI							CI						
Ø							EF							EF							EF							EF							EF							EF						
O-E							O-E							O-E							O-E							O-E							O-E							O-E						

Esperre, vou dar comida a ele, ele está com fome.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

<sup>1</sup> Convém notar que a referência às pessoas e aos objetos no espaço real também é feita pela apontação direta para esses seres, pois nesse espaço o cenário já está dado pela situação do ato de fala e por isso não precisa ser construído na enunciação. Fica claro então que a forma da apontação se diferencia em cada um dos espaços citados.

Quadro 10

SH - Piada													
160	01:13	161	01:14	162	01:14	163	01:15	164	01:15	165	01:16	166	01:17
													
LAMBER		LAMBER		COÇAR		COÇAR		LAMBER		ELE		(PAUSA)	
Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		NãoMarcado		NãoMarcado	
LE		BA		BA		LE		BA		Ø		LE	
CI		CI		CI		CI		CI		CI		CNI	
EF		EF		EF		EF		EF		MC		Ø	
O-E		O-E		O-E		OF		O-E		O-E		O-I	

Lambeu, lambeu, (o gato) estava se lambendo e se coçando. Ele (Pausa).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

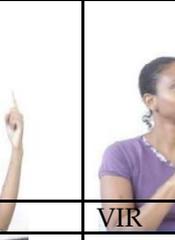
No Quadro 09, o apontamento é direcionado inicialmente para o corpo do sinalizador na imagem 170; na imagem de número 173, o apontamento é direcionado a um ponto no espaço onde está localizada a posição específica que se refere à figura do gato que faz parte da narrativa. Ao continuar seu relato no Quadro 10, é possível observar novamente o mesmo evento na imagem de número 165, ao sinalizar ELE.

Nesse trecho, fica claro que o apontamento pode estar fazendo referência ao próprio sinalizador quando está no papel de narrador, ou a algum personagem que já tenha sido mencionado na narrativa do surdo.

## b) Giro do corpo

Em outra sequência no Quadro 11, a informante KS faz a passagem do espaço sub-rogado para o espaço *token*, intermeando com o espaço não marcado, como se pode notar nas imagens 77, 78 e 79. É possível observar a mudança de pessoa do discurso: na imagem 77, a informante registra a 1ª pessoa sinalizando LIMPAR, entremeando com sinal realizado no espaço não marcado, na imagem 78. Na tradução livre, pode-se ler “Limpou-se”, em relação à imagem 77, e, logo em seguida, ocorre uma pausa, imagem 78. É possível perceber a mudança na posição do corpo da informante KS, durante o processo de mudança do espaço a ser usado. Logo após a pausa, a informante se utiliza do espaço *token*, muda para a 3ª pessoa do discurso e sinaliza “três pessoas vinham caminhando”. É preciso destacar que o uso do espaço *token* coincide com o uso de verbos de movimento, como se observa nas imagens 79, 80 e 81 do Quadro 11.

Quadro 11

KS - Peras									
77	01:52	78	01:52	79	01:53	80	01:54	81	01:55
									
LIMPAR		PAUSA		TRÊS VIR		VIR		VIR	
Sub-rogado		Não Marcado		Token		Token		Token	
LE		Ø		Ø		Ø		Ø	
CI		CI		CNI		CI		CNI	
Ø		Ø		Ø		Ø		Ø	
O-P		O-P		O-S		O-S		O-S	
Limpou-se, (pausa), três pessoas vinham caminhando.									

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

Na sequência do Quadro 12, nas imagens de 2 a 6, observa-se que o informante PR realiza a reduplicação do mesmo sinal, por cinco vezes seguidas, no espaço *token*. A repetição acontece com o verbo ANDAR.

Quadro 12

PR - Peras													
1	00:03	2	00:06	3	00:07	4	00:07	5	00:08	6	00:09	7	00:10

						
ÁRVORE	ANDAR	ANDAR	ANDAR	ANDAR	ANDAR	OLHAR
Token	Token	Token	Token	Token	Token	Sub-rogado
∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
CNI	CI	CNI	CI	CI	CI	CI
∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
O-S	O-S	O-S	O-S	O-S	O-S	O-P
Tinha uma árvore, alguém andou, andou. Olhou.						

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

É possível notar, que a próxima sequência de imagens é toda realizada no espaço sub-rogado no Quadro 13. Entre as imagens dos Quadros 12 e 13, ocorre uma mudança de pessoa, passando da narrativa na 3ª para a 1ª pessoa; a mudança de espaço é observável nas imagens de

7 a 14. Inicialmente, a narrativa está na 3ª pessoa e se lê, na tradução livre, até a imagem 6:

“Tinha uma árvore, alguém andou, andou”. A partir da imagem 7 do Quadro 12, ocorre uma mudança de pessoa; o sinalizante assume as características do personagem, inclusive fazendo um giro com o corpo. Do discurso em 3ª pessoa passa-se à 1ª pessoa e se lê, na tradução livre: “Olhou”, no Quadro 12. O sinalizante continua usando a 1ª pessoa e se lê, na barra da tradução livre, no Quadro 13: “Subiu, subiu, (pegou) o cesto e colheu (frutos)”.

Quadro 13

PR - Peras													
8	00:12	9	00:13	10	00:14	11	00:15	12	00:16	13	00:17	14	00:19
SUBIR	CESTO	COLHER	COLHER	COLHER	COLHER	COLHER							
Sub-rogado													
∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
CI	CNI	CNI	CNI	CNI									

∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
OF	O-P	O-P	O-P	∅	∅	∅

Subiu, subiu, (pegou) o cesto e estava colhendo (frutos).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

### c) Olhar

O informante PR, ao continuar a narrativa da história das Peras no Quadro 14, usa o espaço *token* e faz o sinal de DESCER no espaço *token* por três imagens seguidas, 22, 23 e 24. Ele faz o sinal de ANDAR no espaço *token*, imagem 25, e depois faz a passagem para o espaço sub-rogado, de onde dá continuidade à sua narrativa, trocando o verbo, passando a sinalizar o verbo PEDALAR, imagens 26 e 27. O informante continua usando o espaço sub-rogado na imagem 28, sinalizando o verbo LEVANTAR.

Mais uma vez o sinalizante assume as características do personagem, passando do dis-curso em 3ª pessoa para a 1ª pessoa e se lê, na tradução livre, “Pedalou, pedalou e levantou (o cesto)”, referente às imagens 26, 27 e 28 do Quadro 14. Pode-se observar a mudança na direção do olhar do informante, pois inicialmente (O-S) está fixado no sinal que está sendo realizado, quando da realização do sinal no espaço *token*, e depois seu olhar passa a ser o do personagem, olhar no espaço.

Quadro 14

PR - Peras													
22	00:28	23	00:29	24	00:30	25	00:32	26	00:35	27	00:36	28	00:38
DESCER		DESCER		DESCER		ANDAR		PEDALAR		PEDALAR		LEVANTAR	
Token		Token		Token		Token		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado	
∅		∅		∅		∅		∅		∅		∅	
CNI		CNI		CNI		CNI		CI		CI		CI	
∅		∅		∅		∅		∅		∅		∅	
O-S		O-S		O-S		O-S		OPE		OPE		OPE	

Alguém desceu (da árvore), andou. Pedalou, pedalou e levantou (o cesto).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

No Quadro 15, o informante ED, ao narrar uma piada cujo tema é um jogo de golfe, deixa claro o papel do olhar em sua narrativa. Toda a sequência é realizada no espaço sub-rogado, portanto o sinalizante realiza as ações como se fosse o próprio personagem. Tanto a movimentação do corpo quanto a atitude e o olhar acompanham as características do personagem envolvido na narrativa, no caso, um jogador de golfe. O informante ED acompanha com o olhar todo o percurso que a bola de golfe faria durante o jogo, o seu olhar restringe-se ao olhar do personagem, como se pode notar nas imagens de número 41 a 47 do Quadro 15.

Quadro 15

ED - Piada													
41	00:37	42	00:38	43	00:38	44	00:39	45	00:39	46	00:40	47	00:40
													
JOGAR		BATER		OLHAR		LONGE		BOLA		IR.		IR	
Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado		Sub-rogado	
LE		LE		LBS		LBS		BA		Bar		Bar	
CI		CI		CI		CI		CI		CI		CI	
EF				EF		EF		EF		EF		EF	
O-E		O-E		O-E		O-E		O-E		O-E		O-E	

Jogou a bola e olhou. A bola foi longe (para o buraco).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em conjunto com a professora Danielle Grannier.

Foi possível observar que a mudança de pessoa do discurso exige o uso do espaço sub-rogado, pois, ao passar da 3ª pessoa do discurso para a 1ª, o sinalizador assume as características próprias do personagem em questão, realizando giro de corpo, mudanças de expressão, gingado do corpo, inclinação de cabeça, mudança na direção do olhar, entre outros movimentos.

Como vimos nas imagens do Quadro 09, logo após a pausa, a informante se utiliza do espaço *token*, muda para a 3ª pessoa do discurso e sinaliza “três pessoas vinham caminhando”.

É preciso destacar que o uso do espaço *token* coincide com o uso de verbos de movimento, como se observa nas imagens 79, 80 e 81 do Quadro 09, quando é sinalizado o verbo VIR.

Observou-se a necessidade de mudança do espaço sub-rogado para o espaço *token*. No uso deste último, pode-se perceber que muitas vezes a exigência é da própria limitação física, e em outras, usa-se o recurso dos classificadores para montar o cenário. O corpo do sinalizador se constitui em fator limitador, pois, ao estabelecer um cenário para sua narração, ele só dispõe de seus dois braços e mãos para tal realização. Se estiver realizando um sinal que use as duas mãos, como por exemplo o de LIMPAR, imagem 77 do Quadro 09, e necessitar narrar que três pessoas vinham pelo caminho, o sinalizador passará a utilizar classificadores no espaço *token*. Então, o cenário da história estará completo, com o entendimento de que “três pessoas vinham caminhando”. Nota-se que dois fatores induzem à alternância dos espaços *token* e sub-rogado: a mudança na pessoa do discurso e a própria limitação física do sinalizante de língua de sinais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora na LIBRAS existam três tipos de espaços, o real, o sub-rogado e o *token*, neste estudo foi examinada apenas a alternância entre os espaços sub-rogado e *token* na narrativa do surdo. A análise de dados corrobora a distinção proposta por Liddell para a ASL, que apresenta a introdução do conceito de espaços na Língua Americana de Sinais, os espaços real, *token* e sub-rogado.

Durante a investigação, ficou claro que o uso dos espaços e sua alternância é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais. Dessa forma, acontece uma fluidez no diálogo, pois os sinalizantes montam o cenário da narrativa utilizando o espaço *token* e incor-poram os personagens de sua narrativa ao usarem o espaço sub-rogado, e muitas vezes, por limitação física propriamente dita, retornam ao espaço *token*.

O uso dos espaços é observado a todo momento, pois o sinalizador de língua de sinais se relaciona de forma visual com o espaço físico que está ao seu redor e também à sua frente, durante todo o tempo de sinalização. O sinalizador pode, por exemplo, representar situações da narrativa, assumir as atitudes de um personagem, marcar pontos no espaço, estabelecendo assim os personagens de uma narrativa e também as pessoas do discurso.

A importância dessa pesquisa fica evidente ao se perceber que o uso dos espaços e sua alternância são essenciais na organização do discurso em língua de sinais, na retomada de um referente já utilizado na narrativa do surdo por meio da apontação, do giro do corpo ou na direção do olhar, quer seja do personagem ou do narrador, e ainda na mudança da pessoa do discurso.



## REFERÊNCIAS

- BRITO, Lucinda F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.
- EMMOREY, Karen; REILLY, Judy. **Language, gesture and space**. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, New Jersey, USA, 1995.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**. The Massachusetts Institute of Technology, 1985.
- CUXAC, Christian ; SALLANDRE, Marie-Anne. Iconicity in sign language: a theoretical and methodological point of view. In: WASCHMUTH, I.; SOWA T. (Eds.). **Gesture-based communication in human-computer interaction: proceedings of the international gesture workshop**, p. 171-180, Berlin: Springer, 2002.
- GOMES, D. M. **Estudo morfológico e sintático da língua mundurukú (tupi)**. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979
- LIDDELL, Scott K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: Emmorey, K.; Reilly, J. (Eds.). **Language, gesture and space**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.
- \_\_\_\_\_. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. In: **Lingua 98**, 145-167, 1996.
- \_\_\_\_\_. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: McNEILL, D. (Ed.). **Language and gesture**. Cambridge University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Grammar, gesture and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

PAGY, Fabiane E. **Reduplicação na língua brasileira de sinais (libras)**.  
Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília,  
2012.

PETTER, Margarida M. Morfologia. In.: FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à  
linguística** - vol.  
2, 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005

PIZZIO, Aline L.; CAMPELLO, Ana Regina S; REZENDE, Patrícia L. F.;  
QUADROS, Ronice M. **Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: UFSC,  
2010.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos: a aquisição de linguagem**. Porto  
Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira:  
estudos  
linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VIALLI, Luciana de A. D. **A reduplicação no baby-talk: uma análise pela  
morfologia prosódica**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Rio de  
Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.